



EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)





EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abraão Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E64 Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-695-9

DOI 10.22533/at.ed.959210601

1. Epistemologia. 2. Metodologia. 3. Pesquisa. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 120

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A Coleção *Epistemologia e Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas* se baseia na premissa da conjunção de saberes para a promoção de novas discussões no meio científico, a partir da convergência entre esses diferentes saberes. Movimento esse que surge como oposição à ideia de hiper-especialização.

Nesse caminho podemos estabelecer ao menos quatro formas nas quais acontecem essas interações: multidisciplinar, pluridisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar.

A diferenciação entre elas se define de acordo com critérios que vão desde o intercâmbio de teorias e metodologias até a construção de uma nova forma de ver um determinado objeto.

Desse modo, é possível definir da seguinte maneira:

- Multidisciplinaridade – Sistema de um nível, não integrado, de várias disciplinas que atuam cada qual em proveito próprio, na qual não ocorre interação direta entre as mesmas.

- Pluridisciplinaridade – Sistema de um nível, não integrado, de várias disciplinas que ajudam complementarmente, mas sem alterar teórico ou metodologicamente uma a outra.

- Interdisciplinaridade – Sistema de dois níveis, no qual duas ou mais disciplinas interagem fortalecendo aquela considerada como estando em um nível superior, ou então colaborando para a construção de um novo saber.

- Transdisciplinaridade – A construção de um sistema total onde duas ou variadas disciplinas contribuem para uma determinada pesquisa sem que um saber seja necessariamente validado pelo outro.

Diante dessa perspectiva inter e transdisciplinar esse volume conta com 21 capítulos abordando diversos assuntos como: as configurações de gênero, as configurações raciais, os processos de formação docente, de identidade, relações entre comunicação e antropologia, questões de desenvolvimento urbano, preservação de patrimônio cultural e aspectos da aprendizagem pela tecnologia.

Espero que algumas dessas convergências se mostrem como possibilidades discursivas para novos trabalhos e novos olhares sobre os objetos humanos.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A POTÊNCIA PEDAGÓGICA DA ÓPERA-ROCK “PAJUBÁ” DE LINN DA QUEBRADA

Paulo Henrique de Oliveira Barroso

DOI 10.22533/at.ed.9592106011

CAPÍTULO 2..... 19

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO BIOGRÁFICO E DA PESQUISA DOCUMENTAL COMO FORMAS DE PESQUISA DO GÊNERO FEMININO

Karina Regalio Campagnoli

DOI 10.22533/at.ed.9592106012

CAPÍTULO 3..... 30

MARIA PAES DE BARROS: MEMÓRIAS DE OMISSÃO EM TEMPOS DE LUTA PELA EMANCIPAÇÃO

Eveline Viterbo Gomes

DOI 10.22533/at.ed.9592106013

CAPÍTULO 4..... 40

FEMINIZAÇÃO E FEMINILIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: UM OLHAR VOLTADO PARA A LITERATURA

Danielly Jardim Milano

Kátia dos Santos Pereira

Patrícia Rodrigues Chaves da Cunha

Raquel Peres Macêdo

DOI 10.22533/at.ed.9592106014

CAPÍTULO 5..... 50

FEMINILIDADES NEGRAS: UM ESTUDO DE RELAÇÕES ESPACIAIS PARADOXAIS

Louise da Silveira

Benhur Pinós a Costa

DOI 10.22533/at.ed.9592106015

CAPÍTULO 6..... 70

MITOS PÓS-MODERNOS NOS DISCURSOS SOBRE RESSIGNIFICAÇÃO CULTURAL: O CASO DO JONGO CIGANO

Rafael Romano

DOI 10.22533/at.ed.9592106016

CAPÍTULO 7..... 83

CONSTRUÇÃO E FORMAÇÃO: AUTOACEITAÇÃO E REFLEXÕES SOBRE RAÇA NAS TRAJETÓRIAS DE UMA ESTAGIÁRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Thays Souza da Costa

DOI 10.22533/at.ed.9592106017

CAPÍTULO 8	93
ESCRITA DE SI E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIA COM ATELIÊ BIOGRÁFICO DE PROJETO	
<i>Maria Márcia Melo de Castro Martins</i> <i>Maria Leani Dantas Freitas</i> <i>Nívea da Silva Pereira</i> <i>Francione Charapa Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9592106018	
CAPÍTULO 9	103
UM APANHADO SOBRE A PRESENÇA DA INTERDISCIPLINARIDADE EM DOCUMENTOS OFICIAIS A PARTIR DA LDBEB 9394/96 até 2016	
<i>Neslei Noguez Nogueira</i> <i>Denise Nascimento Silveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9592106019	
CAPÍTULO 10	113
APONTAMENTOS SOBRE COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS À DOCÊNCIA	
<i>Antonia Zulmira da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.95921060110	
CAPÍTULO 11	125
ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE INTELIGÊNCIA EM ESCOLARES DE MATO GROSSO	
<i>Ana Julia Candida Ferreira</i> <i>Cleitton Marino Santana</i> <i>Widson Marçal Ferreira</i> <i>Adriano Mendonça de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.95921060111	
CAPÍTULO 12	133
A PRIMEIRA YESHIVÁ DO BRASIL – UM OLHAR SOBRE AS MEMÓRIAS E SABERES DOS MESTRES DE UMA HISTÓRIA	
<i>Vanessa dos Santos Novais</i>	
DOI 10.22533/at.ed.95921060112	
CAPÍTULO 13	144
ZAQUEU (Lc. 19, 1-10) UM EXEMPLO A SER SEGUIDO PELOS CORRUPOTOS ARREPENDIDOS	
<i>José Carlos Dalmas</i> <i>Vicente Artuso</i>	
DOI 10.22533/at.ed.95921060113	
CAPÍTULO 14	155
O QUE LATOUR TERIA A CONTRIBUIR PARA OS ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO?	
<i>Tarcísio de Sá Cardoso</i>	
DOI 10.22533/at.ed.95921060114	

CAPÍTULO 15.....	173
APROXIMAÇÕES ENTRE PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS E DOS ESTUDOS CULTURAIS NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.95921060115	
CAPÍTULO 16.....	186
O DISCURSO PUBLICITÁRIO COMO OBJETO DE ANÁLISE NO CONTEXTO DE PUBLICAÇÃO DA LEI ORGÂNICA DA SAÚDE	
Náthaly Zanoni Luza	
Eliane Cadoná	
DOI 10.22533/at.ed.95921060116	
CAPÍTULO 17.....	196
OS OBJETIVOS ESSENCIAIS DA SAÚDE PÚBLICA E O RECONHECIMENTO DOS DIREITOS DE PROPRIEDADE INTELECTUAL DE MEDICAMENTOS	
Maria Paula da Rosa Ferreira	
Isabel Christine Silva de Gregori	
DOI 10.22533/at.ed.95921060117	
CAPÍTULO 18.....	209
NÍGER: LOS DESAFÍOS DEL PAÍS CON EL MÁS BAJO IDH DEL MUNDO	
Rafael Aguirre Unceta	
DOI 10.22533/at.ed.95921060118	
CAPÍTULO 19.....	225
AGENDA PARA EL DESARROLLO MUNICIPAL: UN INSTRUMENTO DE EVALUACIÓN PARA LOS GOBIERNOS MUNICIPALES EN MÉXICO	
María Del Rosario Hernández Fonseca	
Hugo Isaías Molina Montalvo	
Rosa María Rodríguez Limón	
DOI 10.22533/at.ed.95921060119	
CAPÍTULO 20.....	231
INSTRUMENTOS LEGAIS DE PRESERVAÇÃO E EXPANSÃO IMOBILIÁRIA: A CONTRIBUIÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NO CONTEXTO URBANO NO LITORAL NORTE DE MACEIÓ, ALAGOAS, BRASIL	
Adriana Guimarães Duarte	
Josemary Omena Passos Ferrare	
DOI 10.22533/at.ed.95921060120	
CAPÍTULO 21.....	247
VALIDAÇÃO AMOSTRAL DE UMA FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA ANALISAR OS NÍVEIS DE HABILIDADES RELACIONADOS À APRENDIZAGEM DE CONCEITOS ABSTRATOS DE LÓGICA DE PROGRAMAÇÃO	
Fernanda Regebe	
Amanda Amantes	
DOI 10.22533/at.ed.95921060121	

SOBRE O ORGANIZADOR.....	257
ÍNDICE REMISSIVO.....	258

CAPÍTULO 7

CONSTRUÇÃO E FORMAÇÃO: AUTOACEITAÇÃO E REFLEXÕES SOBRE RAÇA NAS TRAJETÓRIAS DE UMA ESTAGIÁRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Data de aceite: 04/01/2021

Thays Souza da Costa

<http://lattes.cnpq.br/5086595416128226>

RESUMO: O presente trabalho aborda a autobiografia como revisão e revisita de um processo de amadurecimento e reconhecimento do outro e de si de uma bolsista PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) com turmas de ensino fundamental e educação infantil entre os anos 2015 e 2016. Nessas etapas do ensino básico, muitas questões-problemas do cotidiano podem facilmente ser levantadas pelas crianças e professores e, assim, transformarem-se em projetos e debates nas turmas. Mas, como perceber as nuances mais problemáticas das relações interpessoais nas salas de aula quando elas não são expostas? O objetivo é abordar a experiência de uma bolsista em busca de seu autoconhecimento e também do processo de construção da autoaceitação dos pequenos negros e negras que estão e são constantemente silenciados nas escolas. Ao longo dos anos em que a pesquisa ocorreu, a pedagogia por projetos se fez presente no cotidiano das salas de aula a fim de que os conceitos socialmente construídos na figura “negro/negra” fossem desconstruídos. Atividades de reflexão, contação de histórias e rodas de conversas foram algumas das atividades do processo de construção do projetos na turma relatada. Ao final dos projetos, através de uma relação dialógica entre professoras,

bolsistas e crianças, mesmo que não tivéssemos os pequenos altamente empoderadas de si, tínhamos consciência de quem éramos e onde estávamos. Aprendemos juntos sobre respeito e cuidado, nos reconhecemos e, a partir daí, somos resistência

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia, Autoaceitação, Autoconhecimento.

ABSTRACT: The present paper addresses the autobiography as a review and revisit of a process of maturation and recognition of the other and of herself of a PIBID (Institutional Scholarship Program for Initiation to Teaching) with classes of elementary education and early childhood education between the years 2015 and 2016. In these stages of basic education, many-issues-problems of everyday life can easily be raised by children and teachers and become projects and debates in the classes. But, how to perceive the most problematic nuances of interpersonal relationships in classrooms when they are not exposed? The objective is to approach an experience of a intern in search of your self-knowledge and also of the process of building the self-acceptance of small black kids who are constantly silenced in schools. Over the years that the research took place, the pedagogy by projects was present in the daily life of the classrooms in order that the concepts socially constructed in the “black” figure thought deconstructed. Reflection activities, storytelling and conversation circles were some of the activities in the process of building the project in the related class. At the end of the projects, through a dialogical relationship between teachers, interns and children, even if

we did not have the highly empowered little ones, we had to become aware of who we were and where we were local. We learn together about respect and care, we recognize ourselves and, from there, we are resistance.

KEYWORDS: Autobiography, Self-acceptance, Self knowledge.

1 | INTRODUÇÃO

Como estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, tive a oportunidade de participar, nos anos de 2015 e 2016 de projetos de interlocução Escola-Universidade. A reflexão que aqui trago tem sua origem em um exercício de rememoração de atividades que participei ao longo de dois anos como bolsista PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-, no projeto “De Criança para Criança – Alfabetização a Partir da Literatura. Leitura e da Escrita - Um Convite a Autoria”, coordenado pela professora Dra. Carmen Lúcia Vidal Pérez.

O estágio supervisionado é um importante espaço de aprendizagem e prática da docência, é um campo epistemológico que não se dissocia da práxis. Tem em si uma característica interessante, já que se encaixa muito bem num campo entre a academia e o próprio trabalho. Desse modo, enxergar no estágio esse espaço de relação significa entendê-lo como movimento de interlocução e reflexão sobre as aprendizagens tidas nos espaços institucionais, através dos conteúdos compartilhados durante a formação. No campo docente, o estágio oferece ricas oportunidades de *aprenderensinar* a todos - formandos e professores formadores.

A autobiografia, neste trabalho, apresenta-se como importante articuladora entre os diferentes sentidos que as atividades do PIBID tinham, nos anos em que participei do projeto, e têm, hoje, quando reavalio e repenso sobre o vivido. Quando revisito os planejamentos para as atividades, as produções das crianças e os cadernos de campo, percebo o quanto amadurecemos juntos, como um só corpo. Além disso, escrevo a minha história carregando todas as crianças que, junto comigo, caminharam para seu autoconhecimento, seu desenvolvimento e seu amor ao próximo.

O projeto aqui relatado, assim como toda a reflexão que os seus resultados trouxeram foi realizado em uma turma de segundo ano do ensino fundamental. O trabalho também não foi pensado e realizado apenas por mim, durante o processo atuei com outros três bolsistas.

Participar, ao longo de dois anos letivos, de projetos de ensino ampliaram muito meu olhar como futura educadora em formação. Muitos aprendizados construídos, muitos desconstruídos. Decerto, ao longo desse período, muitas questões saltam como importantes a serem avaliadas. Escolho abordar a desconstrução de paradigmas histórico-sociais e a constante (re)construção de identidade, não apenas minha, mas dos pequenos e pequenas pretos e pretas que atravessaram essa jornada comigo.

21 OS “PERCURSOS DA VIDA” ENQUANTO EXPERIÊNCIA ACADÊMICA

Pensar a escrita de um artigo que aborda a descoberta de identidade de crianças pequenas é um processo que leva em conta, também, a minha própria jornada e as minhas experiências enquanto criança negra no espaço escolar. As pessoas que fui, enquanto aluna e, mais tarde, enquanto estagiária não se separam e constroem as minhas experiências juntas.

A escrita é um grande instrumento de interlocução capaz de criar e estreitar laços, é escrever ideias, conceitos, informações, sentimentos e sensações (SILVA E GASPAR, 2018, p.209). Decerto, a autobiografia se torna um meio para pensar a estrada de formação do professor-pesquisador, que reflete sobre sua prática e seu cotidiano.

Esse discurso tem se evidenciado em encontros que tratam da importância da reflexão sobre si por meio de narrativas, mas, apesar dessa defesa, ainda são restritos, no cenário atual, os cursos de formação docente que atentam efetivamente para a reflexão do aluno sobre sua prática. Segundo Souza (2010, p. 157), as produções em encontros sobre formação de professores e os fóruns ainda apresentam “poucas aproximações com as histórias de vida em formação”. Portanto, é inquestionável a necessidade de formar professores que venham a refletir sobre sua própria atuação (IDEM).

Os processos de revisita aos cadernos de campo, às atividades que foram feitas, assim como os avanços e retrocessos que tivemos nas aulas dão corpo a este processo de escrita. O diário/caderno de campo permite que o futuro educador registre suas dúvidas e apontamentos que, ao passar do tempo, poderiam ser esquecidas ao mesmo tempo que pode oferecer uma perspectiva mais crítica acerca do vivido. A autobiografia, portanto, se faz um determinante para a aprendizagem e, na autoria da própria história, aprendo e critico a realidade que enxergo, dando significado aos eventos que vivi de forma sistemática.

Para Christine Delory-Momberger, o fazer biográfico significa pensar as trajetórias numa atividade mental e reflexiva a partir do momento em que nos apropriamos como autores de nossas jornadas. Segundo ela, a partir das narrativas autobiográficas, reestruturamos as experiências vividas e damos outros sentidos ao longo da nossa história.

Pela narrativa transformamos os acontecimentos, as ações e as pessoas de nossa vida em *episódios, intrigas e personagens*; pela narrativa organizamos os acontecimentos no tempo, construímos relações entre eles, damos um lugar e um significado às situações e experiências que vivemos. É a narrativa que faz de nós o próprio *personagem* de nossa vida e que dá uma *história* a nossa vida. Em outros termos, *não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história*; pelo contrário, *temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida* (DELORY-MOEMBERGER, 2011, P. 341).

A construção biográfica é, segundo a autora, por si só, aprendizagem. As experiências vividas são construídas biograficamente e, como todo processo de aprendizagem, trazem consigo momentos de sucesso e fracasso. Os relatos reproduzidos aqui permeiam o

processo autobiográfico à medida que analisamos as relações escola-sociedade, professor-alunos e aluno-aluno para entender quais os pontos de tensionamento que ainda temos nas relações étnico-raciais na escola.

3 | REPENSAR O ARBITRÁRIO NA ESCOLA: UM DESAFIO

Em abril de 2015, inicio no programa e tenho meu primeiro contato com o que chamamos de “chão da escola”. Junto com um grupo de mais três participantes, começamos a trabalhar, semanalmente, projetos de ensino em uma turma de segundo ano do ensino fundamental, com crianças entre sete e oito anos. A proposta do grupo, como dito anteriormente, era abordar a literatura como um convite à leitura e a escrita. Como estávamos em uma escola em que o regime é dividido por ciclos, a maioria das crianças ainda passava pelo processo de alfabetização pelo processo de alfabetização. Encontramos ali um desafio e o aceitamos.

É comum perceber, a exemplo da rede pública, alguns grandes desafios estruturais simbólicos dentro das salas de aula. O professor ainda é tido como o centro do processo de ensino-aprendizagem, detentor máximo do saber, deslocado das diversas realidades que existem fora da escola. As crianças, por sua vez, ainda são ensinadas constantemente a sentarem-se em fileiras ordenadas, a silenciarem suas bocas, moldarem suas mentes e a educarem seus corpos.

Indo na contramão daquilo que estavam acostumados, nos colocamos, desde o primeiro momento, como iguais às crianças: as carteiras e as fileiras sumiram, todos sentados em esteiras no chão e, aos poucos, nossa relação como grupo seria construída. Nosso foco em construir um trabalho com e para as crianças, através da pedagogia por projetos e, principalmente, a partir do que as crianças traziam das suas realidades para nós, bolsistas.

A primeira proposta de incentivo à autoria surge após algumas semanas de tentativas e erros. Com a ajuda de nossa orientadora, idealizamos um tapete contador de histórias que mais tarde se tornaria num livro, com uma protagonista negra que conheceria os “mundos do arco-íris” e viveria uma aventura com muitos desafios e descobertas. Ao longo de dez semanas, a “novelinha”, como as crianças passaram a chamar, era construída com e para elas. Lia, a personagem principal, tinha desafios e descobertas semanais e - a característica que me faz iniciar um debate neste artigo - mudava de cor conforme passava pelas cores do arco-íris.

Ao apresentarmos o primeiro “capítulo” do livro no mundo colorido, a surpresa e a curiosidade tomaram conta da turma. Ali, nosso trabalho se iniciava e o projeto com os pequenos tomava forma. A partir de então, a construção dos próximos capítulos era feita em coletivo, através das informações que as crianças traziam à sala de aula. Ao perceberem que sua voz era valorizada, mais interessados ficavam. A história da aventureira Lia começara.

A cada semana, uma nova cor e novos elementos eram apresentados ao trabalho, atividades de leitura e escrita eram constantemente propostas. Assim como a curiosidade das crianças ao perceberem que “o dia do PIBID” era um dia prazeroso e alegre. Na segunda semana de estória, demos continuidade a contação e apresentamos a primeira transformação da Lia, no mundo amarelo. A lógica da contação foi a mesma: um tapete que foi montado a medida em que a aventura com a personagem se desenvolvia. A novidade foi a predominância da cor em todos os elementos que compuseram o tapete.

Depois da roda de conversa, os alunos remontaram o tapete do mundo colorido, em seguida, demos continuidade a contação, dando início a um novo mundo – o mundo amarelo. A lógica da contação foi a mesma: um tapete que foi montado a medida em que a aventura com a personagem se desenvolvia. A novidade foi a predominância do em todos os elementos que compuseram o tapete. [...] [...]. Eles ficaram encantados com a boneca [Lia], muito curiosos para tocar, por causa do veludo da pele, e também muito felizes porque lembramos do que eles haviam falado na aula passada e colocamos nos outros elementos que completaram o tapete (Trecho de caderno de campo).

Lia trouxe muita potência para as aulas. Entretanto, não nos demos conta dos problemas que enfrentaríamos quando a personagem voltasse ao normal e a cor de sua pele começasse a ser um problema.

4 | O ESPAÇO ESCOLAR COMO MANUTENÇÃO DE PRECONCEITOS

É certo que a escola tem um importantíssimo papel nos processos de socialização da criança. Ao deixar o núcleo familiar, ela entra em contato com um novo mundo, novos conhecimentos e crenças. Esse espaço de abertura pode ser extremamente positivo para as crianças. Essa face ampla da descoberta caracteriza as creches como fundamental espaço para o desenvolvimento dos pequenos. A socialização primária das instituições escolares complementam um aprendizado que já foi formulado na família e que, naturalmente, terá continuidade nas outras experiências sociais ao longo da vida de cada indivíduo. Dessa forma “não só a família se torna responsável pela aprendizagem da vida social, embora represente, inicialmente, o elo mais forte que liga a criança ao mundo” (Cavalleiro, 1998).

Ao voltar para o mundo real, após trocar de cor semana a semana, Lia percebe que acordou de um sonho e parte para a escola para contar para os amigos as aventuras que viveu. O projeto do mundo do arco-íris seria então finalizado. Imaginamos que as crianças ficariam chateadas ou bravas com o fim da “novelinha”, mas não esperávamos que a rejeição das crianças em relação à boneca fosse tão grande. Percebemos que não houveram pedidos para interagir com a personagem e a palavra “feia” surgiu como característica da Lia do mundo real.

Ao perguntarmos o motivo de algumas crianças não gostarem de Lia, a resposta mais frequente foi “eu não acho ela bonita”, ou “eu não gosto do cabelo [‘black’] dela”. Uma criança, apenas, afirmou que não gostava da boneca porque “não gosta de gente preta”.

Para Gomes “unicidade e diversidade são faces diferentes do processo educativo que, de fato, é um só, embora se realize no decorrer da existência individual em instituições diversas, com propósitos bastante diversos” (Gomes, 1993, p.87 APUD Cavalleiro, 1998, p.22). A criança, ao longo de sua escolarização, é tratada como intrínseca à escola. Os conhecimentos valorizados pela família podem não ser os mesmos valorizados pela escola e vice-versa. A criança, portanto, pode ter seus valores e atitudes divergindo das instituições escolares.

O que para a escola pode representar um problema ou um momento de conflito, no interior do grupo familiar pode representar, apenas, parte do modo habitual da vida do grupo. Problemas não encontrados pela criança no grupo familiar poderão ser encontrados no cotidiano escolar. Conseqüentemente, a ausência de relação entre a família e a escola impossibilita, a ambas as partes, a realização de um processo de socialização que propicie um desenvolvimento sadio. Coloca em jogo não só o mundo a ser interiorizado pela criança, mas, principalmente, o seu lugar nesse mundo, o lugar de seu grupo social e, sobretudo, a sua própria existência. Relações de classe, raça e gênero podem ser afetadas por essa falta de contato das famílias e também pela negação da escola em abordar estes assuntos.

Quando percebemos a rejeição que a personagem recebeu, enquanto negra, tivemos de repensar nossa prática e nossas futuras ações. O projeto do mundo do arco-íris foi finalizado e começamos a elaborar um outro projeto junto às crianças. Dessa vez, não tínhamos um planejamento concreto, apenas um único objetivo: fazer as crianças se reconhecerem e se respeitarem. O diagnóstico da dimensão do problema continuou: além da rejeição da boneca, precisávamos de mais detalhes desse, até então, problema que não tinha nome.

As semanas seguintes foram compostas por um intenso trabalho de reconhecimento de sua identidade. Começamos com intensas rodas de conversas, contações de histórias, ilustrando o quão bom é cada um ser diferente ou como ter a pele “marronzinha” é incrível.

O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a sua vida e pensava:

-Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela.

Por isso, um dia, ele foi até a casa da menina e perguntou:

- Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo pra ser tão pretinha? (trecho retirado do livro “Menina Bonita do Laço de Fita”)

Nossa intenção não era culpabilizar os pequenos, fazendo-os com que se sentissem culpados por reproduzirem um discurso que provavelmente era desconhecido por eles. Nosso olhar era voltado para a investigação as causas dessa negação, para que pudessemos mudar a visão delas e encerrar o problema de forma lúdica e prática.

Questionamos as razões pelas quais a turma não gostava da boneca e, por mais que tentassem, não conseguiam formular uma resposta coerente que não fossem rebatidas pelos próprios colegas de classe. Precisávamos mudar de estratégia.

Atividades como entrevistas, desenhos coletivos, atividades que envolvessem a escuta de si e do outro nortearam a ação de todo o grupo. Aos poucos, as crianças começaram a perceber a importância de se reconhecer como negros e negras. Nesse processo, também pude repensar a minha posição pessoal como mulher negra e futura professora na sociedade.

Hoje, quando pedimos “pra” que as crianças se desenhasssem, percebemos que muitas delas se desenharam diferente do que são, principalmente as meninas. Quando discutimos sobre os desenhos, algumas crianças reclamaram que seus amigos não são daquele jeito. Depois que explicamos o que é autorretrato, as crianças pareceram perceber que estavam se desenhando diferente do que realmente são. Algumas foram persistentes, mas outras pediram mais papel para se desenhar de novo (Relato de caderno de campo).

Numa sociedade a qual uma visão preconceituosa e arcaica, produzida historicamente, é predominante, em relação a negros e brancos, a identidade que se forma socialmente tem como base a falta de modelos satisfatórios e o excesso de representações negativas sobre os negros (Cavalleiro, 1998). Perceber que crianças negras se desenharam como brancas, que não se identificam em seus corpos, pode ser uma valiosa porta para discussão daquilo que, desde cedo, é extremamente naturalizado nas crianças.

Pereira (1987) aponta que nas relações professor-aluno e aluno-aluno, a escola reproduz em si o esquema estrutural da relação entre brancos e negros da sociedade brasileira - uma relação de dominação-submissão. Longe de mudar esse quadro, a escola estimula que as relações permaneçam nesse sistema não igualitário, a ponto de algumas crianças negras se recusarem ir à escola para evitar humilhações para as quais não têm respostas.

5 | UMA (DES)CONSTRUÇÃO POSSÍVEL

Eliane Cavalleiro (1998) descreve o preconceito como um julgamento negativo, muitas das vezes e intrínseco em relação aos grupos que pertencem qualquer outro papel social significativo (nesse caso, pessoas brancas em relação a pessoas negras). Sua manutenção ocorre porque não se pode vê-lo através de atitudes concretas. O preconceito permanece na intolerância, no ódio e na suspeita de pessoas pertencentes à mesma raça (ou crenças e religiões).

No Brasil, o preconceito racial engloba atitudes e comportamentos negativos, mas que podem ter nuances que se disfarçam de positivas contra negros. Atitudes e comportamentos estes que são firmados na ausência de conhecimento e que não permitem

que o indivíduo preto seja reconhecido como é, mas falsamente reconhecido, já que a humanidade dessas pessoas muitas vezes é negada - a exemplo, podemos usar os livros didáticos que limitam o negro à posição de escravos.

Esses estereótipos próprios da nossa cultura fomentam a propagação dos preconceitos porque, de certa forma, simplificam o problema. Desse modo, a visão turva que a criança traz de casa e que não é “desfeita” pela escola cresce com ela e contribuem para o desajustamento e exclusão de (muitos) alguns ao passo que ratificam a posição de outros nos segmentos sociais de maior prestígio.

Muitas conversas foram realizadas durante nosso tempo de atuação com as crianças. Diversas atividades de reconhecimento do outro e do si foram feitas em conjunto com a turma com a intenção de que, pouco a pouco, os estereótipos trazidos por estas crianças para a escola fosse desfeito. Um desafio maior foi fazer com que as crianças pretas retintas se vissem como belas e quisessem se apresentar ao mundo como são, ao invés de se esconderem atrás de representações imagéticas de personagens animados.

Esses estereótipos, portanto, são imputados ao negro que acaba os internalizando em um processo que dificulta sua aceitação na sociedade. Cavalleiro explica que, por conta da reprodução de estigmas, a sociedade trata o estigmatizado de diversas formas discriminatórias, o que explica a inferiorização, por exemplo, dos pequenos pretos e pretas na escola. Ao mesmo tempo, um falso discurso de igualdade permeia na sociedade e afirma que “somos todos iguais”. Glass usa a expressão “cegueira racial” para explicar o discurso de que a raça não implica em nada moral, intelectual ou socialmente sobre uma pessoa.

Isto é, o respeito pelos outros implica ignorar totalmente a raça, já que ela não é significativa na proporção de seu caráter, na construção de suas habilidades e talentos ou na sua capacidade de fazer contribuições sociais valiosas (Steele, 1990). Segundo essa visão, para chamar atenção, ou para levar em consideração, a raça de uma pessoa consiste exatamente em negar a ela a sua individualidade e em sucumbir a pressuposições com base apenas numa participação atribuída a um grupo. Esses pressupostos constituem as bases da própria supremacia racial. Os defensores da cegueira racial também ressaltam que as instituições políticas e jurídicas americanas têm como base os direitos individuais e não de grupos (GLASS, 2012, p.890)

Todavia, um processo de retomada dessas identidades, de apropriação de si e de autoaceitação é longo e muito difícil de ser realizado apenas em um ano letivo e com encontros periódicos. Percebemos, enquanto grupo, que estávamos mais unidos e mais fortes; identificamos beleza em nós mesmos e no outro e nos comprometemos a continuar tentando. Um caminho para afrouxar os laços que seguram todos os preconceitos impostos pela sociedade é longo e perpassa pelos indivíduos, pela família, pela escola e pela sociedade.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trilhar esses difíceis caminhos ao longo de minha jornada enquanto bolsista PIBID foi, ao mesmo tempo, difícil e prazeroso. Nossa jornada enquanto grupo se encerrou no fim da minha participação no projeto, mas se perpetua em meus escritos e em minha memória. A escrita da vida continua um espaço amplo e profundo de aprendizado e me permite enxergar ângulos diferentes para as mesmas situações. Esse trabalho de rememoração ganha mais força ao passo que minhas conexões com o tema, ao longo de minha formação, ganham força. Mesmo que eu não percebesse imediatamente, a formação de consciência minha, do grupo em que eu estava e das crianças foi um longo - e em alguns momentos, não tão prazeroso - processo. Ao longo dos anos que se passaram precisei, como professora em formação, dar respostas a questões que nem mesmo sabia se teria.

O objetivo deste trabalho não é expor uma resposta pronta, mas exemplificar que diversas possibilidades de ação com os pequenos podem ser usadas para que esses estereótipos sejam quebrados e que elas se percebam como potência a todo momento.

Apesar de não ser a única a resolver a questão da identidade racial das crianças (e, principalmente, o racismo), a escola ainda pode lutar contra a manutenção desses estereótipos na sociedade. Uma mudança sistemática no currículo, nas relações sociais e, sobretudo, nas ações pedagógicas podem vir a ser poderosos meios de luta contra a supremacia de um grupo em relação a outro. Enquanto educadores-pesquisadores, precisamos nos esforçar cada vez mais para criar espaços educativos para essas crianças ao mesmo tempo que sistematizamos uma luta antirracista nas salas de aula.

Uma educação fortemente crítica e antirracista possui objetivos mais profundos que apenas a igualdade racial. Ela se compromete com a transformação de indivíduos e da sociedade, com a intenção de eliminar as raízes contaminadas do racismo nas relações com o outro e com o si próprio, não se contenta apenas em “curar as feridas das injustiças já cometidas”.

Nem todas as respostas foram respondidas naquele período, muitas dúvidas, de fato, permaneceram, não apenas nas crianças, mas em cada bolsista que participou do projeto. Como educadores, aprendemos a estar atentos às diversas nuances de como o racismo apresenta na sociedade. Aprendemos, também, a termos ciência de quem somos; da necessidade de repensar e se (des)construir a cada momento.

“Se a educação não transforma sozinha a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos.”

Paulo Freire

REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 1998.

CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. 2001. Selo Negro Edições, São Paulo, 2001.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Biografia e educação: figuras do indivíduo projeto. Trad. Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luís Passeggi. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. 147p.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação. *Educ. rev.*, Belo Horizonte , v. 27, n. 1, p. 333-346, abr. 2011 .

GLASS, Ronald D.. Entendendo raça e racismo: por uma educação racialmente crítica e antirracista. *Rev. Bras. Estud. Pedagog.*, Brasília , v. 93, n. 235, p. 883-913, Dec. 2012 .

Ostetto, L. E., & Kolb-Bernardes, R. (2015). Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. *Pro-Posições*, 26(1), 161-178. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642424>

OSTETTO, Luciana E. Na jornada de formação: tocar o arquétipo do mestre-aprendiz. 2007. *Pro-Posições*, v.18, n.3(54).

SILVA, Haíla Ivanilda; GASPARG, Mônica. Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia. *Rev. Bras. Estud. Pedagog.*, Brasília , v. 99, n. 251, p. 205-221, Jan. 2018 .

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração Municipal 225

Agenda para el Desarrollo Municipal 225, 226, 227, 228, 229, 230

Análise do Discurso 53, 54, 55, 69, 186, 195

Antropologia 55, 173, 174, 176, 177, 179, 184, 185, 245, 246

Aprendizagem 41, 84, 85, 87, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 247, 248, 249, 250, 255, 256

Arrependimento 144, 151, 153

Ateliê Biográfico de Projeto 93, 94, 95, 97, 99, 101

C

Competência Profissional 113, 116, 120

Comunicação 17, 37, 39, 42, 54, 71, 73, 77, 105, 116, 142, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 165, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 183, 184, 185, 188, 189, 193, 194, 242, 250

Consumo Cultural 173

Corrupção 144, 145, 146, 148, 149, 150, 152

D

DCNEM 103, 107, 108, 109, 111

Desarrollo 209, 210, 211, 213, 215, 216, 218, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230

Direito 20, 21, 23, 24, 27, 45, 67, 91, 101, 118, 134, 135, 146, 147, 153, 194, 196, 197, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 238

E

Educação Judaica 133

Ensino Médio Politécnico 103, 107, 110, 112

Epistemologia 2, 104, 155, 156, 159, 161, 163, 165, 167, 170, 171

Escalas de Wechsler 126, 128

Espaço 4, 19, 22, 23, 24, 27, 31, 33, 36, 37, 46, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 84, 85, 87, 91, 99, 105, 119, 120, 135, 136, 138, 158, 168, 172, 191, 203, 242, 246

Estudos Culturais 74, 82, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 184, 185

Evaluación 48, 225, 226, 227, 228, 229, 230

F

Feminilização 40, 42, 43, 44, 45, 46, 49
Feminismo Negro 50, 55, 69
Feminização 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49
Formação Docente 46, 85, 93, 100, 113, 114

G

Gênero 19, 21, 28, 39, 40, 48, 69
Gênero Biográfico 19, 21, 22
Gênero Feminino 19, 21

I

Identidade 113, 133, 195
Identidade Profissional 113, 114, 123
Imaginário-Discursivo 1, 6, 9, 10, 16
Imposto 144, 146, 148, 151, 153
Indicadores 48, 210, 225, 226, 227, 229
Inteligência 37, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137
Interdisciplinaridade 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112
Interseccionalidade 27, 45, 50, 53

J

Jongo 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82

L

LDB 103, 107, 108, 109, 111, 114
Litoral Norte de Maceió 231, 232, 239, 242, 244

M

Memória 22, 28, 33, 74, 80, 81, 82, 91, 96, 97, 128, 133, 134, 136, 139, 183, 237, 239, 246
Metodologia 2, 1, 94, 95, 112, 247
Metodologia Rizomática 1, 9, 16
Mídia 142, 157, 158, 165, 167, 168, 171, 172, 186, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195
Militância 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 64, 68

N

Narrativas 1, 39, 45, 46, 48, 93
Narrativas de Si 1

Negritude 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 64, 81

P

Patrimônio Cultural 72, 80, 231, 233, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 244, 245, 246

PCNEM 103, 107, 108, 109, 110, 111

Pedagogia LGBT 1

Política de Preservação 231, 233, 241, 245

Políticas Públicas 40, 46, 48, 119, 142, 172, 188, 198, 203, 206, 209, 236, 240, 245

Produção de Sentidos 186, 187, 195

Propriedade Intelectual 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 205, 206, 207

R

Recepção 1, 156, 173, 174, 175, 176, 184, 189

Recursos Naturales 209, 211

S

Saúde 26, 47, 59, 149, 152, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 244

Seguridad 209, 216, 217, 218, 223, 227

T

Testes de Inteligência 126

Transdisciplinaridade 1, 105, 108, 111

EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 